

# Benjamin e o vento da história

MOACYR SCLiar \*

**N**a noite 26 de setembro de 1940, e ao cabo de uma penosa jornada a pé pelas montanhas, um pequeno grupo de refugiados do nazismo chegou à pequena cidade catalã de Port Bou, na fronteira da França ocupada. Seu propósito: entrar na Espanha, que mantinha uma suposta neutralidade no conflito mundial, e de lá partir para outros países. Tiveram, contudo, uma terrível surpresa: os funcionários espanhóis anunciaram-lhes que a fronteira acabava de ser fechada e que deveriam retornar ao território francês. Poderiam, no entanto, passar a noite em uma hospedaria ali existente. Durante aquela noite, um dos membros do grupo se suicidou. Na manhã seguinte – em parte por causa desse suicídio, em parte graças a um polpudo suborno – a fronteira foi novamente aberta e o grupo prosseguiu viagem.

O homem que morreu era Walter Benjamin. Recentemente este famoso episódio foi posto em dúvida. O jornalista Stephen Schwartz sustentou, num polêmico trabalho, que Benjamin foi, na verdade, assassinado – por agentes stalinistas. Há motivos para tal suspeita: o stalinismo foi, de fato, cruel com os adversários, e seu braço chegava longe (Trotsky foi assassinado no México), mas a hipótese de suicídio é perfeitamente compatível com a trajetória de Benjamin, o marxista melancólico, na bela expressão de Leandro Konder, o homem que, diz Susan Sontag, viveu – e morreu – sob o signo de Saturno.

Nascido (1892) em Berlim, Benjamin era o primogênito de um abastado comerciante judeu, um homem que havia enriquecido vendendo antiguidades e obras de arte (arte seria depois um tema favorito em seus ensaios). Míope, franzino, doentio, logo descobriu o mundo dos livros – o mundo que não mais abandonaria. Sua relação com o texto não era apenas intelectual; era uma paixão quase libidínica. Que compensava, inclusive, seus fracassos amorosos. Esteve noivo várias vezes, casou-se, separou-se e viveu um tumultuoso caso com a atriz soviética Asja Lacis, colaboradora de Bertolt Brecht e depois vítima dos expurgos stalinistas. Era, na verdade, um *ménage à trois*, porque Asja Lacis jamais se separou do marido, o diretor teatral Bernhard Reich. Na vida prática Benjamin não se saía melhor. Quando o pai, irritado, exigiu que ganhasse a vida com seu trabalho, tentou uma carreira universitária na qual foi muito mal-sucedido. Doutorou-se em filosofia na Universidade de Berna (onde um incêndio destruiu o depósito em que estavam armazenados os exemplares de sua tese), mas não conse-

*O pensador judeu, tema de um seminário interdisciplinar em Porto Alegre, foi um marxista melancólico, que viveu e morreu sob o signo de Saturno. Tanto na esfera intelectual quanto na vida privada, colecionou decepções e fracassos*

guiu um posto de professor. Tentou-o na Universidade de Frankfurt, candidatando-se com um trabalho que depois se tornaria famoso: *Origem do Drama Barroco Alemão*. Mas – e isso seria uma constante em sua obra – brilhante demais, heterodoxo demais, original demais (e um tanto confuso, segundo Flavio R. Kothe), não foi compreendido pela banca, que o reprovou.

Walter Benjamin era um marxista, o que não o diferenciava muito dos pensadores de sua geração: a obra de Marx, inspiradora da Revolução Russa de 1917, estava então no auge de seu prestígio. O que faz dele, então, um pensador original?

Em primeiro lugar, Walter Benjamin não era bitolado. Não era daqueles que não conseguem escrever sem invocar um santo nome – seja esse nome o de Marx, ou Lenin, ou Stalin, ou Mao, ou Freud, ou Lacan, ou Fidel Castro. Imensamente atento ao mundo, Benjamin não hesitava em buscar, nas fontes mais inesperadas, elementos para a construção de seu raciocínio. Judeu agnóstico, era, no entanto, fascinado pelo Talmud e sobretudo pelo misticismo da Cabala,

na qual foi iniciado por Guershom Scholem. Na sua obra, abordou uma variedade de temas, a linguagem, o surrealismo, a arte, o haxixe (baseado em experiência pessoal), Goethe, as ruas de Paris... Os comunistas não gostavam de Kafka e Proust; ele os lia com admiração. Desse talento e dessa diversidade é um exemplo *Rua de Mão Única (Einbahnstrasse)*. Ernst Bloch comparou-o a um caleidoscópio. Para citar um exemplo, ele usa, de forma surpreendente, as citações: elas não estão ali para mostrar a erudição do autor. Ao contrário, ele está interessado em saber qual a razão de seu prestígio, por que adquiriram popularidade: “Citações, no meu trabalho, são como salteadores de estradas, que roubam dos viajantes as suas convicções”. Benjamin, observa Konder, queria ser lido como escritor, co-

mo artista. Detestava a palavra “eu” – ela é rara em seus textos, o que pode parecer surpreendente na época narcísica em que vivemos – mas não recusava a subjetividade, inclusive as opiniões que, na vida social, funcionam como óleo lubrificante. As suas reflexões partiam às vezes de coisas insólitas. Apaixonado por Paris, gostava sobretudo das galerias (que foram modelo para nossa Galeria Chaves), e escreveu uma obra, *O Trabalho das Passagens (Das Passagen-Werk)*, que reflete sobre o significado simbólico desse equipamento urbano, comparável aqueles míticos lugares da antiga Grécia em que, de repente, um caminho conduzia ao mundo subterrâneo (Julio Cortázar exploraria depois essa imagem em um notável conto).

Mas o conceito mais importante de Benjamin é o de aura, uma idéia que lhe nasceu durante as experiências com haxixe. Até o século 19, ele nos diz, a obra de arte estava rodeada de uma espécie de aura por assim dizer, pelo olhar reverente dos admiradores. Mas obras de arte eram únicas, sem similares. Com o progresso da tecnologia, vem também a capacidade de reprodução do objeto – a diferença entre fotografia e pintura. A obra de arte torna-se uma *commodity*. Esse é o tema que ele explora, a fundo, em *A*



*Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica (1936)*

Como classificar Walter Benjamin? Era ele um filósofo? Um crítico, um historiador? Um escritor, simplesmente? Na verdade, diz Hannah Arendt, ele era, e é, inclassificável. É o que se constata diante do texto *Angelus Novus (Sobre o Conceito de História, Tese IX)*, apropriadamente escolhido para figurar no programa do seminário As Múltiplas Vozes de Walter Benjamin, promovido pelo Museu Antropológico do Estado. Diz Benjamin:

“Existe um quadro de Klee intitulado *Angelus Novus*. Nele está representado um anjo que parece estar na iminência de afastar-se de algo em que se crava seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estendidas. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde, diante de nós, aparece uma cadeia de acontecimentos, ele enxerga uma única catástrofe que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, acordar os mortos e juntar os destroços. mas do paraíso sopra uma tempestade que se prende em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual volta as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que chamamos de progresso é essa tempestade”.

Podemos agora entender a razão do provável suicídio de Walter Benjamin. Ali estava ele, um intelectual de vastíssimo conhecimento e de não menor sensibilidade, inteiramente desamparado diante da maquiavélica brutalidade de uma época tão violenta como imoral. Mas era História, e o vento da História soprava de maneira irresistível. Walter Benjamin foi arrastado para sempre. Deixou-nos, contudo, uma obra magnífica que, sobre os escombros do passado, se ergue como um magnífico monumento ao saber.

\* *Escritor, colunista de ZH, autor de, entre outros livros, A Mulher que Escreveu a Bíblia e Os Leopards de Kafka*

